

RESENHA

FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. Paz e Terra, São Paulo, 1998

*Élida Regina da Silva Maciel**

O livro *O Capitalismo Global*, de Celso Furtado, representa um ponto de comparação interessante para todos os leitores que estão acostumados aos discursos de muitos técnicos governamentais ou comentaristas de televisão que abordam o tema das atuais transformações no sistema capitalista de forma quase incompreensível.

Fugindo da idéia de que toda a análise econômica deve ser intangível, Furtado cativa por sua linguagem direta e por sua capacidade de desmistificar e explicitar processos sociais extremamente complexos de forma a facilitar a compreensão de todo o leitor independente de sua formação acadêmica ou profissional, sem perder por isso o rigor de sua argumentação e elaboração teórica.

Este livro, de uma maneira dinâmica e criativa, aborda a questão da concentração de poder que se manifesta hoje nos grandes mercados financeiros e que são determinados por operações de caráter virtual, impondo o que o autor chama de um *capitalismo global*.

Um primeiro ponto a destacar é que Celso Furtado inicia o livro resgatando boa parte de sua trajetória nos principais debates intelectuais das últimas décadas no Brasil, fato que ajuda a entender os motivos que levaram a este autor a ser considerado atualmente como um dos principais pensadores brasileiros em nível internacional. Num breve relato, ele nos permite compreender como ocorreu a sua evolução intelectual: inicialmente sendo seduzido pelo positivismo; numa segunda etapa, sendo influenciado por Marx através da obra Karl Mannheim; e, finalmente, pela sociologia norte-americana por intermédio da leitura de Gilberto Freyre .

* Estudante da Escola de Serviço Social /UCPel e bolsista de iniciação científica.

Tão importante quanto isso, num segundo momento o autor faz percorrer os caminhos da sua atividade enquanto pesquisador, momento no qual enfatiza que o fundamental para uma pesquisa é termos *coragem e confiança*. Coragem para nos expandir ao novo sem medo, e confiança no ato de estar indo em busca do incerto, pois, “(...) a ciência é construída por aqueles que são capazes de ultrapassar certos limites que hoje são definidos pelo mundo universitário”. (op.cit., p. 10).

Segundo o autor, a articulação entre coragem e confiança é o desafio mais difícil para quem se envolve na atividade da pesquisa. Por certo, a tensão entre estes dois elementos foi central no desenvolvimento da própria obra da *Comisión Económica para América Latina (CEPAL)*, organismo da ONU especialmente famoso na década de 50 por incitar um desenvolvimento econômico autônomo na região.

Nestes termos, o autor convida-nos a fazer uma análise mais aprofundada da realidade brasileira dentro do quadro da configuração global da economia na qual destacam-se vários fatos: o declínio da governabilidade das economias de maior peso, o nascimento da União Européia, o processo de conversão à economia de mercado dos países comunistas, a situação das nações asiáticas, as reformas das economias latino-americanas, entre outros. Vê-se, a partir deste estudo, que os novos desafios são, portanto, de caráter social e não basicamente econômicos como ocorreu em períodos anteriores do desenvolvimento do capitalismo.

Sobre a questão mencionada anteriormente vale a pena, mesmo que de um modo breve, enfatizar o que o autor considera a principal característica do “novo capitalismo” que ainda está em formação. Neste sistema,

“os desajustamentos causados pela exclusão social de parcelas crescentes da população emergem como o mais grave problema em sociedades pobres e ricas. Esses desajustamentos não decorrem apenas da orientação assumida pelo progresso tecnológico, pois também refletem a incorporação indireta ao sistema produtivo de mão de obra mal remunerada dos países de industrialização retardada (...)” (op.cit., p. 33)

Na leitura da obra destaca-se o fato de que, apesar do autor apresentar o atual capitalismo como um sistema que agudiza as desigual-

dades sociais, em nenhum momento seu pensamento tende ao pessimismo ou ao derrotismo. Muito pelo contrário, o autor aponta para uma série de elementos que são essenciais para a construção de um novo futuro para o nosso país.

Assim, a pressão das forças sociais tem um papel fundamental para alterar os rumos deste sistema e, em especial, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) é considerado pelo autor como a principal força social que questiona a existência de grandes extensões de terras improdutivas no país que são responsáveis por grande parte da reconhecida desigualdade social brasileira.

Além desta ênfase nos movimentos sociais, Furtado estimula a discussão sobre o papel integrador do Estado e aponta para a importância de que a nossa política econômica adote como objetivo estratégico o crescimento do mercado interno como uma forma de privilegiar os interesses da população.

Finalizando, este excelente livro de Celso Furtado nos alerta que a implantação internacional é sem dúvida essencial, porém, diante de uma economia com características como a nossa, esta sempre deve estar vinculada ao desenvolvimento interno do país e ao resgate da cidadania do imenso contingente de excluídos sociais que nele habitam.

